



1 O objetivo não é apenas comparar as duas construções menciona-  
2 das, mas verificar como as construções médias se comportam em relação  
3 ao advérbio no português brasileiro (português brasileiro), já que alguns  
4 exemplos parecem dispensar essa exigência de adjunto adverbial. Para is-  
5 so, precisamos verificar como algumas línguas lidam com as exigências  
6 da construção média, com a finalidade de caracterizar os exemplos em  
7 que não há advérbio selecionado, mas a construção resulta gramatical no  
8 português brasileiro.

9 Para discutir a proposta apresentada, trazemos, na seção 2, a cons-  
10 trução média na literatura e outras construções, como a ergativa e passi-  
11 va, pois elas parecem partilhar características com a construção em ques-  
12 tão; na seção 3, investigamos algumas línguas com o intuito de abordar a  
13 presença/ausência de modificador adverbial nas médias e verificar a situ-  
14 ação do português brasileiro; na seção 4, revisitamos as características da  
15 construção média no português brasileiro; e, por fim, traçamos nossas  
16 considerações finais.

## 17 18 2. *A construção média na literatura*

19 A definição do que se entende por construção média é algo que  
20 ainda necessita de estudos, pois não há consenso na literatura. Isso ocor-  
21 re porque alguns autores como, por exemplo, Roberto Gomes Camacho  
22 (2003), Edward Keenan e Dryer Matthew (2006) e Artemis Alexiadou  
23 (2014) reconhecem diferentes construções como média ou medial, seja a  
24 partir de aspectos semânticos ou morfossintáticos.

25 Roberto Gomes Camacho (2003) assume que o português dispõe  
26 de três vozes verbais, sendo elas a ativa (reflexiva ou recíproca), passiva  
27 e média. A distinção entre a voz ativa e a média está centrada na afetação  
28 do sujeito, um critério semântico. Ao seguir o posicionamento de Lyons  
29 (1979), Roberto Gomes Camacho diz que a voz média representa uma  
30 categoria flexional das línguas clássicas indo-europeias com a função de  
31 expressar estados de coisas que afetam o sujeito do verbo ou seus inte-  
32 resses. Seguindo essa definição, o autor defende que, no caso de o sujeito  
33 não ser afetado pela ação verbal, teríamos uma voz ativa; mas se o sujeito  
34 for afetado pela ação verbal, teríamos uma voz média. Nos exemplos  
35 abaixo, mostram-se as diferenças, a partir de um critério morfológico,  
36 três construções do português, sendo a primeira uma voz reflexiva; a se-  
37 gunda voz, recíproca; e a terceira, voz medial.

- 1                   (1) a. Eles se vêem *a si mesmos* no espelho.  
2                   b. Eles se vêem *um ao outro* no espelho.  
3                   c. Eu me levantei.

4                   Em (1a), a construção é classificada como reflexiva porque permi-  
5                   te a inserção do termo em destaque – *a si mesmos*. Diferentemente, em  
6                   (1b), a construção é tida como recíproca porque permite o uso de *um ao*  
7                   *outro*. O autor aponta que ambas podem ser ambíguas sem a presença  
8                   dos termos inseridos, dessa maneira, as locuções destacadas são utiliza-  
9                   das como recurso para diferenciar a leitura entre reflexiva e recíproca,  
10                   que constituem a voz ativa. Já (1c) é classificada como medial, por conta  
11                   de o sujeito ser o ator que desencadeia a ação e é afetado pela mesma,  
12                   pois, para Roberto Gomes Camacho, os verbos classificados como mé-  
13                   dios são os tipicamente pronominais. Sendo assim, é perceptível que voz  
14                   média é uma categoria que depende de marcação morfológica, que, no  
15                   caso do português brasileiro, se refere aos clíticos, principalmente, o sin-  
16                   crético<sup>1</sup> *se*. Esse critério morfológico é baseado no trabalho de Suzanne  
17                   Kemmer (1994, p. 182), que enumera contextos para a realização das  
18                   médiãs, a partir da presença de alguma marcação. Para a autora, o tipo  
19                   médio está relacionado aos verbos de cuidados corporais (*lavar-se*), mo-  
20                   vimento não translacional (*virar-se*), mudança na postura corporal (*dei-*  
21                   *tar-se*) etc.

22                   Outro posicionamento é o de Edward Keenan e Dryer Matthew  
23                   (2006), que apresentam as passivas no mundo e incluem construções que  
24                   se assemelham às passivas – as construções médiãs. Os autores compa-  
25                   ram os exemplos abaixo para diferenciá-los quanto à passiva ou médiã:

- 26                   (2) a. **This ship was sunk**<sup>2</sup>.  
27                   ‘Esse navio foi afundado’.
- 28                   b. **This ship sank**.  
29                   ‘Esse navio afundou’.
- 30                   c. **This ship was sunk by the enemies**.  
31                   ‘Esse navio foi afundado pelos inimigos’.
- 32                   d. **This ship sank \*by the enemy**.  
33                   ‘Esse navio afundou \*pelos inimigos’.

---

<sup>1</sup> O termo sincrético é empregado no sentido de o clítico tomar diferentes funções, conforme o traba-  
lho de Lazzarini-Cyrino (2015).

<sup>2</sup> Exemplos retirados de Edward Keenan e Dryer Matthew (2006, p. 352).

1 **e. The window broke<sup>3</sup>.**  
2 **a janela quebrou.**

3 Em (2a), temos uma passiva do tipo analítica, identificada pela lo-  
4 cução verbal (ser + particípio) e, em (2b), com uma forma ativa, uma  
5 construção que os autores chamam de média. No entanto, não são apenas  
6 essas características, no que diz respeito à estrutura verbal, que as dife-  
7 renciam, mas também a gramaticalidade delas quanto à realização do  
8 agente, como pode ser visto em (2c, d). Percebe-se que apenas a passiva  
9 admite tanto a ausência quanto a presença do agente da passiva. Já a  
10 construção média, embora retome um agente implícito, não permite a  
11 realização do argumento externo, pois isso tornaria a construção agramati-  
12 cal, conforme o exemplo (2d).

13 Assim como Edward Keenan e Dryer Matthew (2006), Givón  
14 (2001) também caracteriza como construções médias as realizadas com  
15 verbos do tipo *break* (quebrar), como evidenciado no exemplo em (2e).  
16 Para Givón, uma mudança de foco do agente em verbos semanticamente  
17 transitivos forma a construção média. Essa caracterização pelo parâmetro  
18 semântico iguala as médias às ergativas.

19 Curiosamente, os três autores não distinguem as construções erga-  
20 tivas e médias, conforme apresentado em uma vasta literatura (KEYSER  
21 e ROEPER, 1984; LEKAKOU, 2005; CONDORAVDI, 1989). Isso ocorre  
22 por conta de algumas características, como a presença obrigatória de  
23 um adjunto adverbial – nas médias –, e quanto ao aspecto verbal, a ação é  
24 pontual – nas ergativas –, e não pontual nas médias, para que se tenha  
25 uma interpretação genérica.

26 (3) a. O copo quebrou.  
27 b. Esse carro vende fácil. / o copo quebra fácil

28 Em (3a), a ação é pontual, pois entende-se que *o copo* já está que-  
29 brado, ou seja, a ação foi finalizada. Já em (3b), não há pontualidade na  
30 ação, levando a uma interpretação genérica, por exemplo, o carro é do ti-  
31 po que é vendido com facilidade, independentemente de marcação tem-  
32 poral, em outras palavras, o tempo interfere na distinção das duas cons-  
33 truções em questão.

34 Artemis Alexiadou (2014) tem outra proposta de caracterização,  
35 assumindo que existe, em (4), uma variante intransitiva da alternância de  
36 sua forma transitiva, caracterizada pela (i) falta de referência temporal

---

<sup>3</sup> Exemplo retirado de Givón (2001, p. 116).

1 específica; (ii) um compreensível, mas não expresso agente; e (iii) a in-  
2 clusão de um elemento adverbial ou modal em algumas línguas.

3 (4) *Afto to vivlio*<sub>[AI]</sub> *diavazete efxarista*  
4 *This the book read-NAct-Imperf-3sg with pleasure*  
5 *“This book reads with pleasure”.*

6 O exemplo do grego em (4) segue as características adotadas pela  
7 autora e são, também, encontradas no português brasileiro (português  
8 brasileiro): o DP – argumento interno – assume a função de sujeito, mas  
9 nunca é um sujeito agentivo; o verbo toma uma forma intransitiva, já que  
10 ocorre o apagamento do argumento externo; e há uma inserção de um  
11 elemento modificador.

12

## 13 2.1. A ergatividade

14 Um fato curioso entre o que se considera por construção média e  
15 construção ergativa é que elas são semelhantes do ponto de vista estrutu-  
16 ral, já que ambas apagam o argumento externo e alçam o argumento in-  
17 terno à posição de sujeito, à esquerda. No entanto, como podemos com-  
18 parar nos exemplos abaixo, o tipo verbal as diferencia – verbos ergativos  
19 nas construções ergativas e verbos transitivos acusativos nas médias.

20 (5) a. As crianças<sub>[AE]</sub> *quebraram* os copos<sub>[AI]</sub>.  
21 b. O vento<sub>[AE]</sub> *abriu* a porta<sub>[AI]</sub>.  
22 c. Os copos<sub>[AI]</sub> *quebraram*.  
23 d. A porta<sub>[AI]</sub> *abriu*.

24 (6) a. As crianças<sub>[AE]</sub> *compraram* doces<sub>[AI]</sub>.  
25 b. \*Os doces<sub>[AI]</sub> *compraram*.  
26 c. Esses doces<sub>[AI]</sub> *vendem* nas Americanas.  
27 d. As Americanas<sub>[AE]</sub> *vendem* esses doces<sub>[AI]</sub>.

28 Em (5c-d), encontramos verbos ergativos, que alçam seus argu-  
29 mentos internos à esquerda do verbo, porque precisam preencher a posi-  
30 ção do caso nominativo, que fica disponível por conta da não realização  
31 do argumento externo, característica própria desse tipo verbal.

32 A checagem de caso não altera o papel temático da construção,  
33 conforme a teoria temática. Dessa forma, o argumento interno continua  
34 sendo paciente e o agente não é obrigatoriamente licenciado, visto que o  
35 causador possa ser [+ agentivo], conforme (5a), ou [- agentivo], como em  
36 (5b).

1 Já os verbos que ocorrem em (6) são do tipo transitivo acusativo,  
2 ou seja, selecionam tanto argumento externo quanto interno. No entanto,  
3 o argumento externo do exemplo em (6c) não foi realizado, levando o argu-  
4 mento interno à esquerda do verbo, para satisfazer o preenchimento da  
5 posição de sujeito. Se observarmos bem, esses verbos, que são transitivos  
6 acusativos, passam a assumir propriedades diferentes, parecendo se as-  
7 semelhar aos verbos ergativos. Tal fato requer uma investigação do que  
8 está ocorrendo com os verbos transitivos no português brasileiro.

9 Em suma, os verbos que licenciam a construção média são do tipo  
10 transitivo acusativo e os verbos que licenciam as construções ergativas  
11 são do tipo ergativo – que permitem o apagamento do argumento externo  
12 e, conseqüentemente, a alternância do argumento interno como sujeito  
13 gramatical. Estes são fatos universais, encontrados em todas as línguas. É  
14 importante apontar que a distinção entre verbo acusativo e ergativo não é  
15 simples, como vimos acima, pois muitos verbos que ocorrem nas médias,  
16 também ocorrem nas ergativas.

## 17 18 **2.2. A relação das construções médias com a passiva pronominal**

19 A passiva pronominal é uma construção do português que tem a  
20 característica de apagar o argumento externo e apenas o argumento inter-  
21 no é realizado *in situ*. Além disso, é necessário que o clítico *se* seja reali-  
22 zado e haja concordância entre o predicador e o argumento interno, que  
23 passa a ser sujeito, já que preenche o caso nominativo, conforme o  
24 exemplo em (7):

25 (6) *Vendem-se apartamentos*<sub>[AI]</sub>.

26 Em (7), o verbo *vender* seleciona seu argumento interno – *apar-*  
27 *tamentos* – e o *se* entra na estrutura passiva para suprimir os traços do argu-  
28 mento externo, que é apagado e não pode ser realizado. Como pode ser  
29 observado, o verbo não é ergativo, mas sim do tipo transitivo acusativo, o  
30 que quer dizer que não há a possibilidade de o argumento interno ser al-  
31 çado à esquerda do verbo. O interessante é que esse mesmo verbo pode  
32 ocorrer na construção média, como em (8):

33 (8) *Esse carro*<sub>[AI]</sub> (se) *vende fácil*. (\*português brasileiro / PE<sub>OK</sub>)<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> A presença do *se*-médio está disponível para a gramática do português europeu, mas não para o português brasileiro, visto que a presença do *se* dá uma interpretação reflexiva à sentença.

1 Comparando os exemplos (7) e (8), o argumento interno do  
2 exemplo em (8) permite ser alçado à esquerda do verbo, apesar de neces-  
3 sitar de um modificador, neste caso, *fácil*, para torná-la gramatical. Veja  
4 que o *se* está entre parêntese porque é opcional no português europeu,  
5 seguindo a proposta de Inês Inês Duarte (2003), embora, no português  
6 brasileiro (português brasileiro), as construções médias sejam licenciadas  
7 sem a presença do *se*<sup>5</sup>, que diferentemente do *se*-apassivador em (7), é  
8 chamado de *se*-médio, apontando mais uma função para o sincretismo do  
9 *se* no português.

10 As duas estruturas são formadas pelo mesmo tipo de verbo – tran-  
11 sitivo acusativo. O que as diferencia é sua estrutura gramatical. Nas pas-  
12 sivas pronominais, o agente não é realizado, pois está implícito na estru-  
13 tura, visto que *apartamentos* não podem se vender. Nas médias, o agente  
14 também está implícito, podendo ser recuperado pela presença do modifi-  
15 cador adverbial, que terá a função de recuperar o agente implícito, se-  
16 gundo Cleo Condoravdi (1989) e Sally McConnell-Ginet (1994). Quanto  
17 ao *se*, as médias não necessitam desse pronome para sua gramaticalidade,  
18 como pode ser verificado no português brasileiro, que não licencia mais  
19 o *se* nas médias, enquanto que a passiva pronominal depende desse pro-  
20 nome na sua estrutura, pois é realizado para marcar o argumento externo,  
21 que teve seus traços esvaziados pelo *se*<sup>6</sup>.

### 22 23 3. *Presença vs ausência de modificador*

24 Nas seções anteriores, apresentamos as características das cons-  
25 truções que têm alguma relação com as construções médias. Pode-se ve-  
26 rificar que a construção ergativa não depende de modificador para seu  
27 *status* de gramaticalidade, muito menos as passivas pronominais. Entre-  
28 tanto, as construções médias só são licenciadas com a presença de algum  
29 modificador, por exemplo, um advérbio. Essa presença é requisitada por-  
30 que os advérbios que nelas ocorrem têm a função de retomar o agente

---

<sup>5</sup> O SE no português é sincrético, pois assume diferentes funções morfossintáticas. Para mais deta-  
lhes sobre o sincretismo do SE, indicamos a tese de Lazzarini-Cyrino (2015).

<sup>6</sup> É necessário mencionar que as passivas pronominais não são de realização corrente no português  
brasileiro, conforme Nunes (1991). Esse tipo de construção só ocorre no português brasileiro em  
contextos formais, devido ao ensino formal da língua pela escola, que toma como base a gramática  
do português europeu.

1 implícito, conforme Cleo Condoravdi (1989) e Sally McConnell-Ginet  
2 (1994).

- 3 (9) a. Esse livro<sub>[AI]</sub> lê rapidinho.  
4 b. \*Esse livro<sub>[AI]</sub> lê.

5 Em (9a), o argumento interno foi alçado à esquerda do verbo, as-  
6 sumindo a função de sujeito [- agente] e um modificador adverbial entra  
7 na estrutura para que se tenha uma interpretação média. O mesmo não  
8 ocorre em (9b) porque não tem como recuperar o traço de agente sem a  
9 presença desse modificador, ou seja, sem o advérbio parece que o livro  
10 desencadeia a ação, o que não é possível, por isso é agramatical. Sendo  
11 assim, parece que a presença do advérbio é indispensável para se ter uma  
12 interpretação média.

13 Marika Lekakou (2005) fez um estudo sobre o modificador *easily*  
14 (facilmente) nas construções médias para mostrar que sua presença não é  
15 universal nas línguas, ou seja, é de ordem paramétrica. Ao observar lín-  
16 guas como o grego e o francês, a autora chega à conclusão de que elas  
17 não necessitam de modificadores de qualquer ordem, o que não ocorre  
18 com o inglês e o alemão, que sem a presença de um modificador passam  
19 a ser agramatical, conforme os exemplos retirados Marika Lekakou  
20 (2005):

- |    |   |   |         |
|----|---|---|---------|
| 21 | (10) a. This book reads easily.             | } | INGLÊS  |
| 22 | esse livro lê facilmente                    |   |         |
| 23 | b. *This book reads.                        | } | ALEMÃO  |
| 24 | esse livro lê                               |   |         |
| 25 | (11) a. Das Butch liest sich leicht.        | } | ALEMÃO  |
| 26 | esse livro lê se facilmente                 |   |         |
| 27 | b. *Das Butch liest sich                    | } | ALEMÃO  |
| 28 | esse livro lê se                            |   |         |
| 29 | (12) Cette acine se mange.                  | → | FRANCÊS |
| 30 | essa raiz se come                           |   |         |
| 31 | (13) Afta ta manitaria trogonde.            | } | GREGO   |
| 32 | esses os cogumelos comem <sub>NACT.3P</sub> |   |         |
| 33 | 'Esses cogumelos comem'.                    |   |         |

34 Comparando os exemplos (10) e (11), pode-se perceber que o in-  
35 glês e o alemão têm uma orientação paramétrica semelhante quanto à  
36 formação da construção média, ambas exigem a presença do modificador  
37 adverbial, pois, como já mencionado, esse advérbio tem a função de re-  
38 tomar o agente implícito da ação verbal. Mas, se observarmos os exem-



1 plos (12) e (13), temos outra análise. O francês não necessita de modifi-  
2 cadores adverbiais para retomar o agente implícito, tampouco o grego. A  
3 questão que se coloca é a de como a retomada do agente é feita, já que  
4 essas línguas dispensam o advérbio.

5 Observemos os exemplos do grego em (14) e (15):

6 (14) *Afto to vivlio diavazete efxarista akomi li apo megalus.*  
7 esse o livro lê<sub>NACT3P</sub> com prazer até pelos adultos  
8 \*Esse livro lê com prazer até pelos adultos.

9 (15) *Ces étoffes se repassent facilement part tout le monde.*  
10 esses tecidos passam facilmente por todo mundo.  
11 \*Esses tecidos passam ferro por todo mundo.

12 Em (14) e (15), o comportamento sintático dessas construções  
13 médias são semelhantes às passivas, já que é permitida à realização do  
14 agente da passiva através do sintagma preposicionado *por*. Isso explica-  
15 ria o fato de essas línguas dispensarem modificadores. O mesmo não se  
16 aplica ao português ou ao inglês, por conta do impedimento de realização  
17 do agente da passiva através do sintagma *-por*.

18 (16) *Essa parede<sub>[AI]</sub> pinta fácil \*(pelos funcionários).*

19 Em (16), observamos que a presença do sintagma *por* na constru-  
20 ção média do português não é permitida, podendo este sintagma ocorrer  
21 apenas nas passivas analíticas.

22 De maneira geral, constata-se que as construções médias não  
23 apresentam características universais nas línguas, mas sim de ordem pa-  
24 ramétrica. Algumas línguas proíbem a realização do argumento externo e  
25 necessitam a presença de modificador adverbial, enquanto que outras  
26 dispensam o modificador e, tanto quanto à passiva analítica, permite a  
27 presença do argumento externo. Dessa forma, verifica-se a necessidade  
28 de observar o comportamento do português quanto a essas questões.

### 30 3.1. A situação do português

31 Inês Duarte (2003) afirma que a presença de um adjunto adverbial  
32 ou um sintagma preposicionado com valor adverbial é necessário nas  
33 construções médias, o que não é obrigatório nas ergativas, que a autora  
34 chama de variante inacusativa dos verbos causativos, conforme os exem-  
35 plos:

36 (17) *A tua<sub>[AI]</sub> letra lê-se bem.*

1 (18) A manteiga<sub>[A]</sub> derreteu.

2 (19) A manteiga<sub>[A]</sub> derreteu logo.

3 Em (17), temos uma construção média, pois o argumento interno  
4 foi alçado à esquerda do verbo – transitivo acusativo –, há a presença do  
5 *se*, que é opcional tanto no português brasileiro, quanto no português eu-  
6 ropeu, e um advérbio, exigência da construção média. Já em (18), temos  
7 uma construção ergativa, primeiramente, o verbo é do tipo ergativo e não  
8 há a presença de advérbio. Mas isso não é suficiente para distingui-las,  
9 dado que a construção ergativa também admite modificadores, como em  
10 (19).

11 Os exemplos acima mostram que a presença ou ausência de ad-  
12 vérbio não é o fator distintivo para as duas construções. As médias ne-  
13 cessitam dos advérbios para retomar o agente da ação, o que não é possí-  
14 vel nas ergativas, em que os causadores são externos, como em (18) que  
15 poderia ser *o fogo*, ou seja, não agentivo.

16 Artemis Alexiadou (2014) aponta que em algumas línguas esses  
17 modificadores são indispensáveis, sendo essencial verificar essa questão  
18 com relação ao português brasileiro que, aparentemente, necessita da  
19 presença de modificador. Analisemos as construções abaixo:

20 (20)a. Esse piso branco suja facilmente.

21 b. Esse piso branco suja [ ]

22 c. Esse piso [ ] suja [ ]

23 d. #[ ]Piso [ ] suja [ ]<sup>7</sup>

24 As construções em (20) mostram que a presença do adjunto ad-  
25 verbial não parece ser obrigatória no português brasileiro. Entretanto, es-  
26 se é apenas um ponto de vista generalizado sobre o dado apresentado. Pa-  
27 ra os dados em (20), teríamos duas possibilidades de análise: (i) o adjun-  
28 to adverbial – *facilmente* – não é obrigatório no português brasileiro,  
29 sendo esta língua desconsiderada do grupo que torna obrigatório o uso do  
30 advérbio, ou seja, a realização desse advérbio se daria por questões  
31 pragmáticas, levando o ouvinte a uma determinada leitura; ou (ii) o fato  
32 de *facilmente* poder ser apagado em (20b) não quer dizer que não haja  
33 algum modificador necessário para sua gramaticalidade. Isso pode ser  
34 visto se retirarmos o adjetivo – branco –, que pode ser considerado o  
35 modificador obrigatório, como aponta o exemplo em (20d). Para além

---

<sup>7</sup> Pode ser utilizada no português brasileiro, entretanto, apenas em contextos bem específicos, justamente por não ser de uso corrente na língua.

1 disso, (20c) é gramatical, mesmo sem a presença do advérbio ou do adje-  
2 tivo, o que nos leva a pensar que seu modificador é o pronome demons-  
3 trativo.

4 Isso nos mostra que a questão não parece estar ligada aos modifi-  
5 cadores adverbiais, mas sim em algum elemento modificador, como o  
6 adjetivo em (20b) ou mesmo o pronome demonstrativo em (20c). Seman-  
7 ticamente, a cor branca está mais apta para sujeira, ao contrário de outras  
8 cores mais escuras, ou seja, a construção é gramatical porque atende a  
9 todas as exigências, há um elemento modificador, ao contrário de (20d),  
10 que não apresenta modificadores.

11 Nesse caminho, o português brasileiro continua sendo diferente do  
12 francês e do grego e se mantendo no grupo de línguas como o alemão e o  
13 inglês, que exigem modificadores. A partir disso, como podemos analisar  
14 as construções abaixo?

15 (21) **Esse vestido abotoa.**

16 (22) **Esse tipo de pano estica.**

17 Se observarmos os exemplos em (21) e (22), podemos pensar que  
18 o único modificador disponível é o pronome demonstrativo. A leitura de  
19 (21) continua sendo média, pois é possível pensar num agente implícito,  
20 mas em (22) teríamos duas leituras disponíveis: uma ergativa e uma mé-  
21 dia. Na primeira, o pano estica por ser *frágil/de má qualidade*, sendo as-  
22 sim com algumas lavagens o pano vai esticar. Na segunda leitura, o pano  
23 é elástico e, por isso, estica, ou seja, necessita-se de um agente. Se essa  
24 análise estiver no caminho certo, é preciso verificar se o português brasi-  
25 leiro permite a não realização de modificadores em alguns casos de cons-  
26 trução média e explicar como ocorre a retomada do agente, já que o mo-  
27 dificador cumpriria essa função.

28 Sally McConnell-Ginet (1994) argumenta que algumas constru-  
29 ções podem não realizar o modificador sintaticamente e, quando isso  
30 acontece, a informação de agente implícito é carregada pelo próprio ver-  
31 bo, ou seja, os verbos *abotoar* e *esticar* carregariam a informação de  
32 agente implícito, mantendo a leitura média das construções. O módulo  
33 que liberaria esse tipo de propriedade seria a pragmática, o contexto fa-  
34 vorceria a recuperação do agente. No entanto, essa explicação parece ser  
35 muito generalizada, já que não apresenta condicionamentos para os tipos  
36 de verbos que permitiriam a não realização do modificador. A explicação  
37 da autora é baseada em construções como:

- 1 (23)a. *This rock does not cut.*  
2 b. *That piano should play.*  
3 c. *Now, this car HANDLES.*

4 Em (23), há três tipos diferentes de operações: em (23a), a nega-  
5 ção suportaria a ausência do advérbio; em (23b), o modal suportaria a  
6 mesma ausência; e em (23c), uma ênfase no verbo – motivada pelo con-  
7 texto – recupera o advérbio na construção, para que continue a interpre-  
8 tação média. Verifiquemos os exemplos em (24) para o português:

- 9 (24)a. *Esse carro vende rapidinho.*  
10 b. *Esse carro não vende.*  
11 c. *Esse carro deve vender.*  
12 d. *Esse carro VENDE.*

13 Em (24), aplicamos as mesmas operações de (23) para a constru-  
14 ção média em (24a). Nosso objetivo é verificar se o verbo *vender* permite  
15 o apagamento do advérbio – *rapidinho*. Em (24b), incluímos a negação e  
16 verificamos que a frase é gramatical; em (24c), o modal também deixa a  
17 frase gramatical; e em (24d) uma ênfase no verbo também torna a sen-  
18 tença gramatical, apontando que a fonética também tem um papel impor-  
19 tante na construção média, pois esse recurso pode ser o modificador ne-  
20 cessário. Aparentemente, esses recursos permitem o apagamento do ad-  
21 vérbio e mantém a interpretação média.

22 As operações de ênfase, inclusão de modal ou negação ainda não  
23 explicam as construções (21-22), embora a aplicação das operações a es-  
24 sas construções resulte em gramaticalidade. Seguindo Cleo Condoravdi  
25 (1989) e Sally McConnell-Ginet (1994), construções médias sem a pre-  
26 sença de modificadores só são licenciadas se houver contexto para res-  
27 tringir o apagamento do advérbio.

#### 28 29 **4. Revisitando as exigências da construção média no português brasi-** 30 **leiro**

31 A análise até aqui apresentada mostrou que há dois grupos de líng-  
32 uas: (i) o grupo de línguas como o alemão e o inglês, que dependem de  
33 um modificador nas construções médias; e (ii) o grupo que dispensa esse  
34 modificador, representado por línguas como o francês e o grego. A expli-  
35 cação para essa diferença diz respeito à recuperação da interpretação do  
36 agente implícito, que é recuperado no primeiro grupo a partir da presença  
37 do modificador, pois não permite a presença de um sintagma-*por*; contrá-  
38 rio a línguas como o grego e o francês, que utilizam a estratégia das pas-

1 sivas analíticas na recuperação do argumento externo, através de um sin-  
2 tagma-*por*.

3 O português brasileiro, conforme discutido, não se encaixa nos  
4 dois grupos mencionados, pois parece apresentar um caso misto, ora se-  
5 gue a orientação de línguas que exigem o modificador adverbial, ora se-  
6 gue a linha de línguas que o dispensam. Um fato curioso é que o portu-  
7 guês brasileiro dispensa o modificador, mas continua não permitindo re-  
8 cuperação do argumento externo representado por um sintagma-*por*. Ob-  
9 servemos:

10 (25) a. Essa calça veste bem.  
11 b. A casa constrói aos poucos.

12 (26) a. \*Essa calça veste.  
13 b. \*A casa constrói.

14 (27) a. Esse vestido abotoa rapidinho.  
15 b. Esse tipo de pano estica fácil.

16 (28) a. Esse vestido abotoa.  
17 b. Esse tipo de pano estica.

18 Ao comparar os pares em (25) e (26), chegamos à conclusão de  
19 que não é possível dispensar o adjunto adverbial dessas construções, pois  
20 a falta desse tipo de modificador torna a construção agramatical, confor-  
21 me o asterisco em (26). Todavia, os pares em (27) e (28) mostram que os  
22 adjuntos adverbiais não são necessários, embora os verbos sejam do tipo  
23 transitivo acusativo.

24 Ao observar os pares de (25-28), reforçamos a ideia de que o por-  
25 tuguês brasileiro parece apresentar um caso misto. Por conta disso, é ne-  
26 cessário avaliar outros fatores para compreender o motivo de esta língua  
27 permitir tanto a presença quanto a ausência de modificadores na constru-  
28 ção média.

29

### 30 5. *Considerações finais*

31 A partir da discussão levantada, compreende-se que a análise da  
32 construção média não é tão simples quanto parece, pois, conforme o cru-  
33 zamento dos dados das línguas, existe a possibilidade tanto de presença  
34 quanto de ausência de modificadores em construções desse tipo. Muitas  
35 vezes, em uma mesma língua, o modificador pode ser realizado ou não, o  
36 que implica que tal realização não é um princípio linguístico. A presença  
37 ou não desses modificadores nas construções médias faz parte do proces-

1 so de variação entre as línguas, talvez um fenômeno paramétrico, seguin-  
2 do a terminologia da gerativa.

3 Outro ponto importante de ser mencionado é quanto à exigência  
4 de advérbios ou sintagmas preposicionais com valores adverbiais para as  
5 construções médias, como aponta Inês Duarte (2003). Observamos nos  
6 dados de línguas como o francês, grego, inglês e português brasileiro que  
7 o modificador necessário não se restringe aos adverbiais, conforme Cleo  
8 Condoravdi (1989) e Sally McConnell-Ginet (1994), uma vez que modi-  
9 ficadores nominais ou a intervenção da fonética conseguem licenciar tais  
10 construções.

11

## 12 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

13 ALEXIADOU, Artemis. Active, middle, and passive: the morpho-syntax  
14 of Voice. *Catalan Journal of Linguistics*, n. 13, p. 1-22, 2014.

15 CAMACHO, Roberto Gomes. Em defesa da categoria de voz média no  
16 português. *DELTA*, v.19, n.1, p. 91-122, 2003.

17 CONDORAVDI, Cleo. *The middle: where semantics and morphology*  
18 *meet*, MIT Working Papers in linguistics, n. 11, p. 16-30, 1989.

19 GIVÓN, Talmy. Middle-voice constructions. In: \_\_\_\_\_. *Syntax I*. Philadel-  
20 phia: John Benjamins. 2001. p. 116-122.

21 INÊS DUARTE, Inês. A família das construções inacusativas. In: MIRA  
22 MATEUS, Maria Helena et al. (org.) *Gramática da língua portuguesa*. 5  
23 ed. Lisboa: Caminho, 2003. p. 536-539.

24 KEENAN, Edward; DRYER, Matthew. Passive in the World's Langua-  
25 ges. In: SCHOPEN, Timothy. *Clause Structure, Language Typology and*  
26 *Syntactic Description*. Cambridge. Cambridge University Press, 2007. p.  
27 325-361.

28 KEMMER, Suzanne. *The middle voice*. Amsterdam, Philadelphia: John  
29 Benjamins Company, v. 23, 1993. p. 1-40.

30 KYSER, Keyser, S. J.; T. Roeper. On the Middle and Ergative Construc-  
31 tion in English, *Linguistic Inquiry*, n. 15, p. 381-416, 1984.

32 LEKAKOU, Marika. Easily in the Middle. *17<sup>th</sup> International Symposium*,  
33 Aristotle University of Thessaloniki, Greece. v. 1, p. 138-147, 2005.

- 1 MCCONNELL-GINET, Sally. On the non-optionalty of certain modifi-
- 2 ers. *Proceedings of SALT 4*, p. 230-250, 1994.
- 3 SILVA, Cristiany Fernandes da; NAVES, Rozana Reigota. Construções
- 4 ergativas e médias: uma distinção em termos aspectuais e semânticos.
- 5 *Signotica*, UFG, v. 24, p. 520-541, 2012.